

25/09/2012

## Formas nominais supostamente truncadas e suas classes nominais no português brasileiro

Ana Paula Scher – anascher@usp.br<sup>1</sup>

### 1. INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

- **Tema:** dois tipos de formas truncadas (FTs) em português brasileiro (PB) e sua relação com marcadores de classe nessa língua:
  - i) Essas FTs coloquiais e avaliativas (pejorativa ou afetiva) terminam em um segmento vocálico, mais especificamente, em *-a*, como em *gurja* – *gorjeta* e *palha* – *palhaço* (tipo I), ou nas sequências de segmentos vogal(a-i)-consoante(s) – Vs, como em *bob(i)s* – *bobeira* e *brinc(i)s* – *brincadeira* (tipo II).
  - ii) As FTs que terminam em *-a* classificam-se, regularmente, como membros da Classe II de elementos não-verbais em línguas românicas – as formas nominais plenas que, de alguma forma, correspondem semanticamente a tais TFs podem pertencer a classes distintas:

Class 1	Class 3	Class 2
sargent-o – nome pleno		sarj-a – TF correspondente
	neurose – nome pleno	neur-a – TF correspondente

- **Questões: parte I**
  - i) Que estrutura morfossintática pode representar essas FTs, dando conta da interpretação avaliativa atribuída a elas?
  - ii) De que forma as FTs se relacionam com marcadores de classes formais não-verbais em PB?
- **Minha hipótese:**
  - i) O efeito de aparente truncamento observado nas TFs, associado à interpretação avaliativa (pejorativa ou afetiva) que se atribui a essas palavras resulta da presença de um morfema avaliativo [EVAL] em sua estrutura morfossintática (Scher, 2012, em preparação).
  - ii) Os traços idiossincráticos de Classe II, presentes em [EVAL], nas estruturas da TF, forçam a realização fonológica de seu morfema de classe formal como *-a* (a terminação canônica de nomes da Class II), não importando a classe a que pertencem as formas plenas correspondentes.
  - iii) *-a* em *sarja* e *neura* expressa, portanto, um morfema de classe formal, e não gênero.
- **Follow up question:** Qual é o estatuto das terminações *-as* e *-is* no segundo tipo de TFs investigadas aqui?
  - i) Como terminam em *-s*, pode ser natural tratá-las como membros da classe III, assim como *anis convés* ou *revés*.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Processo: 2011/10818-5.

<sup>2</sup> Muitas das ideias constantes deste trabalho foram desenvolvidas durante meu estágio pós-doutoral na University College London. Eu agradeço aos docentes do Department of Phonetics and Linguistics e aos participantes do Laboratory for Language and Speech Diversions (LLSD) com quem tive a chance de conversar sobre esta pesquisa. Meus agradecimentos especiais vão para Andrew Nevins, John Harris e Kevin Tang. Também gostaria de agradecer aos membros do Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD) da USP, que sempre se dispuseram a conversar comigo sobre o tema desta pesquisa.

- ii) **Problem:** (1) and (2) mostram que palavras como *bobs* ou *brincs*, se usadas na forma plural, nunca retomarão a vogal temática *-e*, um processo que caracteriza membros da classe III (cf. (1)).

1)	a) anis	anises	b) convés	conveses	c) revés	reveses
2)	a) bobs	*bobses	b) brincs	*brincses		

• **Questões: parte II**

- i) A que classe formal não-verbal pertencem as FTs terminadas em *-as* ou *-is*?  
 ii) É correto tratá-las como membros de uma das quatro classes formais não verbais do PB e a suas terminações (*-as* e *-is*) como alomorfes para o marcador de classe relevante?  
 iii) É correto sugerir que o PB tem uma classe não verbal adicional às que já forma descritas na literatura?

Eu vou sugerir que a melhor resposta para as perguntas acima é que todas as FTs em *-a* devem ser tratadas como membros da classe II de elementos não-verbais e as FTs em *-as* e *-is* compõem, juntamente com palavras como *óculos*, *vírus*, etc, uma outra classe formal no PB.

• Organização da apresentação:

- ❖ Seção 2: apresentação de algumas formas truncadas no PB.
- ❖ Seção 3: o modelo de gramática da Morfologia Distribuída e a proposta de Alcântara (2010) para morfemas de classe formal em PB;
- ❖ Seção 4: uma análise para os morfemas terminais das FTs no PB;
- ❖ Seção 5: algumas considerações finais.

2. FORMAS TRUNCADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

- FTs vem recebendo atenção mais específica na literatura sobre formação de palavras do PB e podem ser descritas como em (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**):

1) Forma nominal truncada

3		3
corresponde a um composto ou palavra prefixada (tipo I)		corresponde a uma palavra primitiva ou derivada por sufixação (tipos II, III e IV)
último segmento é uma vogal (tipo II)	3	último segmento da raiz é uma consoante (tipos III e IV)
	3	3
	inserção do segmento <i>-a</i> (tipo III)	inserção das sequências de segmentos <i>-as</i> ou <i>-is</i> (tipo IV)

Breve descrição de cada tipo de FT:

**Tipo I:** FTs que correspondem ao morfema inicial em um composto ou palavra derivada por prefixação:

- 2) a. *psico*<sup>3</sup> (psicologia)  
 b. *odonto* (odontologia)  
 c. *fono* (fonoaudiologia)

<sup>3</sup> Sílabas acentuadas em negrito.

**Tipo II:** FTS que preservam a raiz ou parte da raiz da forma plena correspondente; o último segmento da FT é uma vogal que pertence à raiz da forma plena.

- 3) a. *deprê* (depressão/deprimido)  
b. *pregui* (preguiça/preguiçoso)  
c. *preju* (prejuízo)

**Tipo III:** TFs que correspondem a palavras bimorfêmicas. A raiz da forma plena, ou parte dela, é preservada na TF; seu último segmento é uma consoante e há inserção de segmento: a vogal *-a* é inserida na FT. É considerado o tipo mais comum de TF no PB:

- 4) a. *furta* (fortuna)  
b. *neura* (neurose)  
c. *secreta* (secretária)

- Esses três tipos mais gerais de FTs em PB já foram descritos e discutidos na literatura. Receberam análises diferentes em termos da morfologia prosódica e da Teoria da Otimidade (Belchor, 2005, 2006, 2009, Gonçalves, 2006, 2009, 2011, Gonçalves & Vasquez, 2004), bem como em termos da Morfologia Distribuída (Scher, 2011, 2012, preparação).
- Scher (*op. cit.*) observou, também, a emergência de FTs que terminam em *-as* ou *-is*, como descrito abaixo:

**Tipo IV:** FTS que correspondem a palavras bimorfêmicas. A raiz da forma plena, ou parte dela, é preservada na TF; seu último segmento é uma consoante e há inserção de uma sequência de segmentos: *-as* ou *-is* é inserida na FT.

- 5) a. *bermas* (bermuda)  
b. *bob(i)s* (bobeira)  
c. *brinc<sup>4</sup>(i)s* (brincadeira)

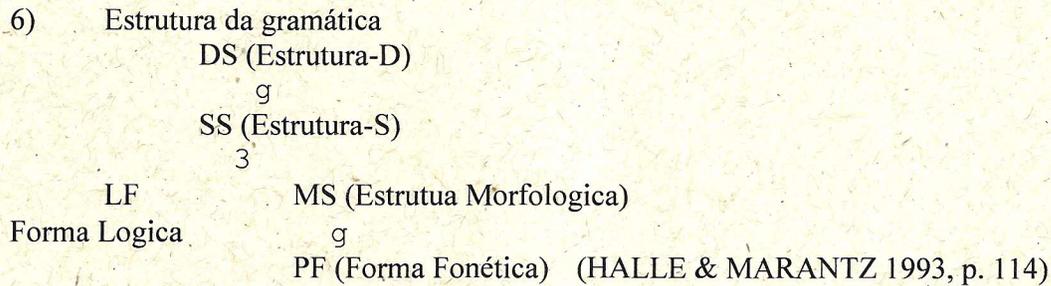
- Neste trabalho, meu foco recai, principalmente, sobre as FTs dos tipos III e IV.
  - i) Ambas são rizotônicas e nenhuma delas exibe qualquer morfema, a não ser a raiz e o sufixo temático;
  - ii) Elas diferem das dos tipos I e II por inserirem material extra na FT
- Esse material extra é central para este trabalho. Todas as formas observadas aqui terminam em *a* ou nas sequências *as* ou *is*.
- É minha intenção sugerir que, apesar da diferença fonológica, FTs terminadas em *-a* e aquelas terminadas em *-as* ou *-is* pertencem à mesma classe formal.

### 3. MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E MORFEMAS DE CLASSES DE FORMAS PARA ELEMENTOS NÃO-VERBAIS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

#### 3.1 MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

- Halle & Marantz (1993): modelo de gramática da morfologia distribuída
  - i) A gramática não dispõe de um componente lexical gerativo exclusivo para a formação de palavras;
  - ii) Palavras e sentenças se formam por meio de regras sintáticas;
  - iii) A gramática inclui uma estrutura morfológica (MS = para morphological structure) que faz a interface entre a morfologia e a sintaxe;
  - iv) O descompasso entre a morfologia e a sintaxe será sanado por meio de regras morfológicas, sem efeito para a sintaxe e a semântica

<sup>4</sup> The letter “c” is pronounced as /k/, as in *brincadeira* (game, joke), *brinquedo* (toy), etc.

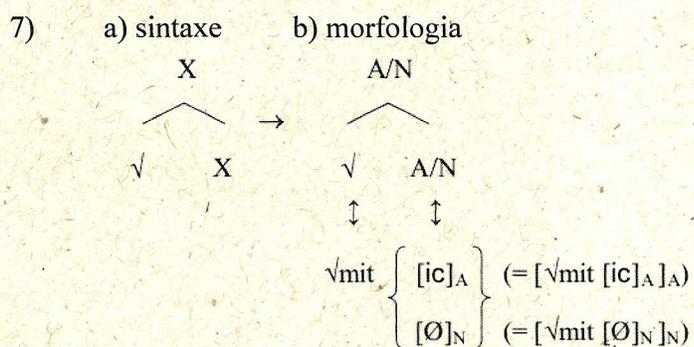


- Três propriedades centrais caracterizam essa teoria:
  - (i) **Inserção tardia** – categorias sintáticas são puramente abstratas, sem qualquer conteúdo fonológico. A expressão fonológica dos nós terminais sintáticos somente será inserida no mapeamento para PF;
  - (ii) **Subespecificação de itens de vocabulário (VIs)** – a expressão fonológica não precisa ser completamente especificada para as posições sintáticas em que serão inseridas. VIs *default* podem ser inseridos se um VI mais específico não estiver disponível;
  - (iii) **Hierarchical syntactic structure all the way down** – elements in syntax and morphology undergo the same types of syntactic operations.
- Operações morfológicas:
  - i) Descompassos entre a organização de nós terminais no nível sintático, por um lado, e no nível morfológico, por outro, se resolvem por meio de operações morfológicas, que se aplicam a estruturas sintáticas antes que elas sejam preenchidas com expressões fonológicas.
  - ii) Assim, nós terminais podem ser inseridos na estrutura, podem ser movidos de um ponto a outro, concatenados, cindidos ou fundidos. É possível, mesmo, que alguns traços que eles trazem para a sintaxe sejam apagados em certos contextos.
- a. Minha análise para a FTS explicitará e explorará algumas dessas operações; em particular, a adição de nós terminais no componente morfológico e o apagamento de traços de alguns desses nós, em contextos específicos terão um papel importante na análise.

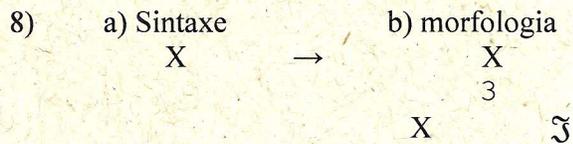
### 3.2 CLASSES FORMAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ALCÂNTARA (2010)

- Alcântara (2010): seguindo Harris (1999), a autora apresenta, com base no modelo da Morfologia Distribuída, uma descrição e análise para grupos de palavras primitivas não-verbais do PB, terminadas em vogais não acentuadas ou em “zero” fonológico.
  - i) Esses grupos constituem classes formais do PB;
  - ii) Há quatro classes formais nessa língua: as vogais /o/ e /a/ criam classes formais não marcadas; a vogal /e/ tem dois estatutos diferentes: pode ser epentética ou temática.
- Classe I:
  - i) Identificada pelo morfema de classe formal /o/
  - ii) Grupo muito produtivo
  - iii) Não marcada para gênero masculino: a maior parte das palavras deste grupo são masculinas (*astro, sino*, etc), embora ela também inclua algumas palavras femininas (*libido, tribo*, etc).
    - Um mecanismo especial bloqueia a emergência dessas formas femininas terminas em /o/ sob a Classe II, que é o caso não-marcado para os nomes femininos.

- iv) Palavras pertencentes a esta classe formam seus plurais em /S/ (*astros, sinos, libidos, tribos*).
- Classe II:
  - i) Identificada pelo morfema de classe formal /a/
  - ii) Grupo bastante produtivo também (*girafa, pedra*).
  - iii) Não marcada para gênero feminino, apesar do fato de conter muitas palavras masculinas (*mapa, cometa, sistema*, etc).
    - ❖ Um mecanismo especial bloqueia a emergência dessas formas masculinas terminas em /a/ sob a Classe I, caso não-marcado para nomes masculinos.
  - iv) Palavras pertencentes a esta classe formam seus plurais em /S/ (*girafas, pedras, mapas, cometas*).
- Classe III:
  - i) Morfema de classe formal /e/ caracteriza esta classe
  - ii) Membros podem ser palavras masculinas ou femininas.
  - iii) Morfema /e/ alterna com  $\emptyset$  nesta classe, quando a palavra termina em consoante, que pode ser ou não licenciada em posição de coda em PB (*abacate* (m.), *ave* (f.), *capuz* (m.), *mártir* (m)).
  - iv) Palavras pertencentes a esta classe formam seus plurais em /S/, se terminam em /e/ (*abacates, aves*). Se terminam em consoante, elas recuperam o morfema de classe formal -e na forma plural (*capuzes, mártires*).
- Classe IV
  - i) formada por palavras não-temáticas
  - ii) identificada pela não-realização de uma morfema de classe formal: nem no plural e nem no singular (*rei/rei, chá/chás*).
- Em (7), as estruturas sintática e morfológica para palavras primitivas, proposta pela autora:

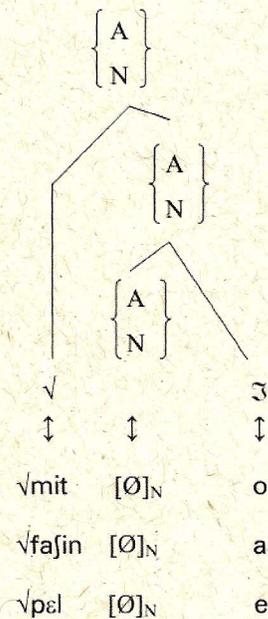


- (7)a: as partes do discurso tradicionais N, V, e A são sintaticamente representadas pela raiz '√', que é morfologicamente categorizada pela categoria X que estiver mais próxima.
- (7)b: a representação morfológica:
  - i) O símbolo '↑' corresponde à operação de inserção de vocabulário da raiz *mit-* e do sufixo adjectival *-ic-*, para formar *mítico*, ou do sufixo nominal que é  $\emptyset$  nesse caso, para formar *mito*.
  - ii) Uma operação “adicione uma categoria/um morfema”, motivada por um requerimento idiossincrático, insere um nó terminal para o sufixo temático, que conferirá á estrutura o estatuto de palavra independente:



- O nó terminal para o sufixo temático só é adicionado no componente morfológico; ele não tem função sintática;
- A estrutura de constituintes no component morfológico, para palavras não verbais do PB, classes I, II e II, tais como *mito*, *faxina* e *pele*, respectivamente, pode ser como na representação em (9):

9) Representação para palavras não-verbais do PB:



- A autora afirma que é o morfema derivacional que categoriza a raiz – quanto fonologicamente realizado – que define o VI para a posição do morfema de classe formal. Se tal morfema não tem realização fonológica, é a raiz que define o VI.
- Vou sugerir que outros elementos, além do morfema derivacional e da raiz, podem ter um papel na definição do VI para o morfema de classe formal, e, conseqüentemente, na definição da classe formal a que pertence uma palavra representada por determinada estrutura;
- Sugiro que a presença de uma categoria avaliativa na estrutura da FT tem um papel nessa definição, devido aos traços idiossincráticos de “classe formal II” que aparecem nessa categoria.

#### 4. UMA ANÁLISE PARA O MORFEMA DE CLASSE FORMAL NAS FTs

- (Scher, 2011, 2012, em preparação): uma análise para as FT baseada na Morfologia Distribuída:
  - i) FTs são derivações a partir da raiz: não resultam de nenhum tipo de apagamento de segmentos aplicado a formas plenas correspondentes;
  - ii) São derivadas independentemente dessas formas plenas, por meio de um processo sintático de categorização de uma raiz, seguido de uma operação morfológica que, devido a um requerimento idiossincrático de boa-formação, insere um sufixo temático na derivação;

iii) Regras de inserção de vocabulário se aplicam e determinados VIs vão preencher os nós terminais correspondentes à raiz e a outros nós terminais, tais como morfemas categoriais (que são inseridos no componente sintático) ou sufixos temáticos (que são inseridos no componente morfológico).

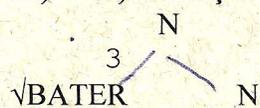
• As representações abaixo ilustram essa ideia:

i) (10)a,b e (11)a,b mostram as estruturas sintática e morfológica para a forma plena *baterista* e para sua TF correspondente *batera*.

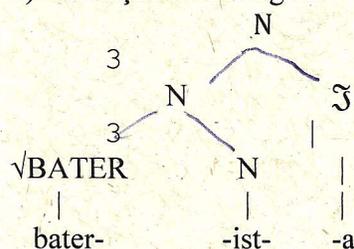
ii) (10)a,b:

- ❖ Derivações sintática e morfológica para *baterista*;
- ❖ (10)a representa a categorização da raiz;
- ❖ Na estrutura morfológica ((10)b), nós terminais para os sufixos temáticos (Σ) são acrescentados à derivação;
- ❖ Nenhuma outra operação modifica a representação das formas plenas e a inserção de vocabulário pode acontecer, como em (10)b.

10) a) derivação sintática



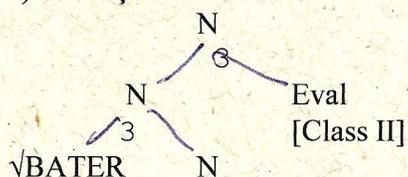
b) derivação morfológica



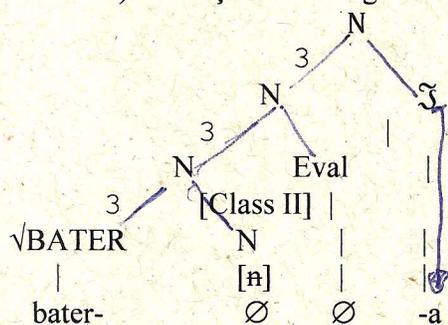
iii) (11)a,b

- ❖ A derivação sintática da FT difere da derivação sintática da forma plena correspondente
- ❖ A presença de [EVAL], uma categoria avaliativa, garante a leitura apreciativa da FT.
- ❖ [EVAL] não substitui o núcleo *n* que categoriza a raiz e define o significado da palavra formada por (10)a: essa categoria apenas acrescenta a leitura apreciativa para a FT, mantendo, para a derivação em (11)a, a mesma categoria e, basicamente, o mesmo significado da derivação em (10)a.

11) a) derivação sintática



b) derivação morfológica



• Na estrutura morfológica em (11)b, antes da inserção de vocabulário, uma regra de empobrecimento (Bonet, 1991) tal como (12) apaga o traço [n] na categoria N na presença do núcleo [EVAL]:

12)  $N[n] \rightarrow \emptyset / [EVAL]$ .

- Por esse motivo, quando a inserção de vocabulário acontecer, nenhum VI marcado com o traço [n], tal como *-ist-*, por exemplo, será uma alternativa adequada para inserção, já que ele conterà um traço que não está mais presente no nó terminal relevante.
  - i) Um VI nulo, *default*, sem especificações para o traço *n* será, assim, inserido no núcleo N.
  - ii) [EVAL], por sua vez, também será preenchido com um VI nulo de acordo com a seguinte especificação:
    - 13)  $\emptyset \rightarrow$  [EVAL]
      - iii) [EVAL]: apesar de ser fonologicamente nulo, [EVAL] terá um papel importante na definição da estrutura de uma palavra em PB:
        - ❖ Essa categoria conterà traços idiossincráticos de classe formal II, que forçarão a realização do morfema de classe formal como *-a* (a terminação canônica de classe II) ou como uma das sequências *-as* ou *-is*.
- O fato de a FT poder ter um morfema de classe formal diferente do que se realiza na forma plena (*prolet-ari-o – prolet-a*) conta como evidência importante em favor de uma análise dissociada para as duas formas: se a FT derivasse do apagamento de segmentos na forma plena, seria natural esperar que a primeira se mantivesse na mesma classe de palavras da última.
- O que dizer das sequências *-as* ou *is*?
  - i) FTs terminadas em *-as* ou *-is* parecem pertencer à classe III – terminam em uma consoante possível em posição de coda no PB. No entanto, a observação das FTs no plural sugere que essa é uma conclusão equivocada, já que a vogal *e*, que realiza o morfema de classe formal III, não é recuperada em suas formas de plural.
  - ii) FTs não são membros da classe IV, uma vez que membros dessa classe não realizam o morfema de classe formal fonologicamente. Em suas derivações, somente a raiz está presente: *rei – reis*. Para alocar as FTs terminadas nas sequências *-as* ou *-is* entre os membros da classe IV, seria necessário assumir que essas sequências compõem a raiz de *bermas* ou *brinc(is)*. As formas plenas *bermuda* e *brincadeira*, no entanto, mostram que *-as* e *-is* não fazem parte da raiz das palavras onde elas aparecem.
  - iii) FTs não são membros das classes I ou II, já que não realizam o morfemas de classe formal por meio de /o/ ou /a/, respectivamente.
- O principal motivo para descartarmos a inclusão dessas TFs na classe formal III foi a diferença verificada entre a formação de plural dos membros da classe II e a das TFs. Essas TFs não apresentam formas diferentes para o singular e o plural. O mesmo pode se dizer de formas como *Sócrates*, *oásis*, *vírus*, *brócolis*, atestadas em Alcântara (2003), cujas formas de singular e plural são idênticas
  - 14) Um brócolis saboros
  - 15) Dois brócolis soborosos (Alcântara, 2003:72)
- A autora aponta que palavras como *vir+al* e *oás+iço*, por exemplo podem mostrar que o segmento *-s* final não faz parte do radical e sugere, para dar conta desses dados, que “uma regra é desencadeada no componente morfológico, a qual adiciona um morfema de plural às formas não-plurais semântica e sintaticamente como *vir+u-* e *oas+i-*, de forma que elas sejam realizadas fonologicamente com um /S/ final.” Para Alcântara, palavras como essas vão compor uma outra classe forma, da qual a autora não fala com detalhes.

- O mesmo se verifica, como já apontamos, para as FTs em *-as* e *-is*, o que pode sugerir que elas integrem essa mesma classe sugerida por Alcântara (2003).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Neste trabalho, apresentei alguns dados inicialmente tratados como FTs em PB. Sugiro que não seja esse o caso, ou seja, que tais formas, na realidade, não se originam do truncamento de outras formas plenas, mas que, em vez disso, são formações derivadas a partir de uma raiz. Eu argumento em favor da presença de um núcleo [EVAL] na sintaxe das FTs, que garantirá sua interpretação avaliativa. Além disso, defendo que tal núcleo contenha traços idiossincráticos de classe II, que vão impedir a realização de /o/, /e/ ou Ø na posição dos morfemas de classe formal, forçando-os a serem realizados como /a/ com as mesmas especificações de classe, ou como /-as, -is/, subespecificados para esse traço.

## 6. REFERENCES

- ALCÂNTARA, C. da C. (2003) *As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003
- \_\_\_\_\_. (2010) As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 5-15.
- BELCHOR, A. P. V. (2006) O encurtamento de formas com a preservação do morfema à esquerda: uma análise otimalista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7.
- BELCHOR, A. P. V. (2009) *Construções de formas truncadas no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- BONET, E. (1991) *Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance*. PhD Dissertation. Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology
- GONÇALVES, C. A. V. (2006) Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 219-242.
- GONÇALVES, C. A. V. (2009) Retrospectiva dos estudos em morfologia prosódica: de regras e circunscrições à abordagem por ranking de restrições. *Alfa* (ILCE/UNESP), Araraquara, v. 44.
- GONÇALVES, C. A. V. (2011) Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: Collischonn, Gisela; Battisti, Elisa. (Orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, p. 293-327.
- GONÇALVES, C. A. & VAZQUEZ R. (2004) Fla x Flu no Maraca: uma análise otimalista das formas truncadas no português do Brasil. In: SILVA, J. P. (org.) *Questões de morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Cifefil, v. 8, p. 56-64
- HALLE, M. & MARANTZ, A. (1993) Distributed morphology and pieces of inflection. In: Halle, M.; Keyser, S. J. (Ed.). *The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- HALLE, M. & MARANTZ, A. (1994) Some key features of distributed morphology. *MITWPL – Papers on Phonology and Morphology*, v. 21, p. 275-288.
- HARRIS (1999) Nasal depalatalization no, morphological wellformedness sí; the structure of Spanish word classes. *MITWPL – Papers on Syntax and Morphology*, v. 33, p. 47-82.
- SCHER, A. P. (2011) Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: descrição preliminar. *ReVEL*, edição especial n. 5. [www.revel.inf.br].
- SCHER, A. P. (2012) Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: casos de formação de palavras a partir da raiz. In: da Hora, Dermeval; Negrão, Esmeralda V. (orgs.). *Estudos da linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária. 365p.

SCHER, A. P. (in preparation) Truncated forms in Brazilian Portuguese: evidence for a localist approach to grammar. Ms. Universidade de São Paulo / University College London. ms.